

# ETNOGRAFIAS SOBRE MULHERES ASSENTADAS: EXPRESSÕES DE DOMINAÇÃO, DE RESIGNAÇÃO E DE PROTAGONISMOS

*Henrique Carmona Duval<sup>1</sup>  
Vera Lúcia S. Botta Ferrante<sup>2</sup>*

**Resumo:** O artigo apresenta a metodologia etnográfica priorizada para uma pesquisa acerca das relações de gênero nos assentamentos rurais na região de Araraquara/SP. A partir do reconhecimento dos lugares das mulheres assentadas na produção e na reprodução destes grupos sociais, a pesquisa etnográfica permite um aprofundamento das questões relativas à origem e à trajetória das mulheres, bem como das expressões de dominação, resignação e protagonismos. O artigo expressa mais claramente as diferenciações e singularidades das experiências de mulheres neste espaço social. Apresentamos quatro casos de mulheres que ora assumem a frente da produção agropecuária nos lotes, ora possuem assalariamento dentro e fora do assentamento, mas não deixam de se preocupar com os cuidados com a casa e com os filhos. Outras diferenciações se constituem em função do estado civil e da fase da vida dos filhos. Sem pretender esgotar as singularidades existentes nos assentamentos, o artigo prioriza a diferença nos lugares e nas atitudes das mulheres. Apesar de alguns enfrentamentos à violência material e simbólica vivida, ainda há uma longa trajetória de luta para pôr em ação uma agenda de efetivas políticas públicas que tenham como eixo central direitos na equidade de gênero.

**Palavras-chave:** Relações de Gênero, Modos de Vida, Estratégias Familiares, Assentamentos Rurais.

**Abstract:** The article presents the ethnographic methodology prioritized for research on gender relations in rural settlements in the region of Arara-

---

1 Doutor em Ciências Sociais pelo IFCH/Unicamp, pesquisador do PPG em Desenvolvimento Territorial e Meio Ambiente (Uniará).

2 Pesquisadora IA CNPq, coordenadora do PPG em Desenvolvimento Territorial e Meio Ambiente (Uniará).

quara/SP. From the recognition of the places women settled in the social production and reproduction of these social groups, ethnographic research allows a deepening of issues relating to the origin and history of women, as well as expressions of domination, resignation and protagonists. The article expresses more clearly the differences and uniqueness of the experiences of women in this social space. We present four cases of women who take forward the agricultural production in lots, have wage in and out of the settlement, but do not fail to be concerned with caring for the house and with the children. Other differences are constituted on the basis of marital status and stage of life of the children. Without intending to exhaust the existing singularities in the settlements, the article emphasizes the difference in places and in women's attitudes. Despite some clashes violence material and symbolic lived, there is still a long record of struggle to put into action an agenda for effective public policies whose central axis rights in gender equality.

**Key-words:** Gender relations, Livelihoods, Family Strategies, Rural Settlements.

## 1. Apresentação

Este artigo é fruto do projeto *Da Invisibilidade ao Protagonismo: relações de gênero nos assentamentos, nos projetos de desenvolvimento sustentável e nos territórios da cidadania*, coordenado por Vera Lúcia S. Botta Ferrante, no âmbito da chamada MCTI/CNPq/SPM-PR/MDA nº 32/2012. É importante destacar que o projeto deu continuidade a um ciclo de pesquisas sobre as relações de gênero nos assentamentos, investigadas sob outras perspectivas metodológicas<sup>3</sup>.

Os principais objetivos do projeto foram organizados pelos seguintes eixos temáticos: 1) a construção do lugar das mulheres nos sistemas produtivos nos lotes; 2) os conhecimentos das mulheres sobre agricultura, plantas e receitas; 3) sociabilidade e a formação de grupos formais e in-

<sup>3</sup> No primeiro projeto, *Relações de Gênero e Iniciativas de Outro Modelo de Desenvolvimento: análise da participação das mulheres em assentamentos rurais* (CNPq, 2009-2010), foi dada ênfase aos grupos produtivos de mulheres em formação e às atividades extensionistas voltadas a eles. No segundo projeto, *Os Assentamentos Rurais Sob a Perspectiva de Gênero: divisão sexual do trabalho e políticas públicas em análise* (CNPq, 2011-2012), elaboramos uma amostragem estatisticamente constituída para a investigação dos papéis das mulheres na produção dos lotes e nas agroindústrias familiares, bem como das políticas públicas com recorte de gênero. Os dados advindos desse projeto localizaram os sistemas produtivos e deram visibilidade ao trabalho feminino.

formais de mulheres e/ou sua participação em outras organizações desse tipo – como associações e cooperativas; 4) a efetividade das políticas públicas voltadas às mulheres assentadas. Apesar de separarmos o projeto por eixos, procuramos destacar, no presente artigo, o método etnográfico priorizado para a realização da pesquisa, apresentando alguns de seus resultados. Isso representou um aprofundamento analítico em relação aos projetos anteriores, pois, com as etnografias, ficou clara a não separação dos temas na vida cotidiana das mulheres.

Nosso projeto procurou explorar a produção e a reprodução social nos assentamentos por meio de etnografias multissituadas, entre diferentes posições e representações possíveis no campo social dos assentamentos. Portanto, a amostragem nas etnografias teve um caráter qualitativo, ou seja, procuramos abordar a diferenciação dos casos e não uma amostra estatisticamente constituída. Nas visitas realizadas, primeiramente, procuramos investigar a construção das relações de gênero na perspectiva das estratégias familiares, tanto produtivas, matrimoniais e políticas (DUVAL, 2015). Perspectiva esta que será melhor detalhada na apresentação dos casos analisados. O presente artigo faz um recorte de algumas representações selecionadas de mulheres assentadas sobre suas estratégias.

## **2. Explicitando a perspectiva metodológica**

Em função das escolhas metodológicas e de uma rica experiência de pesquisa nos assentamentos localizados em Araraquara, a amostragem não teve caráter quantitativo, mas em posições possíveis de organização e dinâmica familiar nesses assentamentos e em suas especificidades. Foram realizadas etnografias com mulheres assentadas, nas quais utilizamos o diário de campo como forma de registrar as informações a partir de um roteiro de questões previamente estabelecido, mas não estruturado. Sempre que necessário e possível, realizamos novas visitas às famílias. Para Garcia Jr. (1983, p.13), sobre suas pesquisas de campo: “A qualidade dos dados não depende de maior realização de entrevistas (...) formular questões relevantes dependia do conhecimento que pudéssemos adquirir sobre esta vida”.

Derivado da antropologia, o método etnográfico propõe aos pesquisadores participarem da vida cotidiana das pessoas. Ajuda a compreendê-la em sua complexidade e nas situações cotidianas. Para Whitaker (2002, p.125-126), Malinowski é um etnógrafo por excelência: “Embora

constituindo os grandes esquemas e elaborando sumários das relações cruciais que, como funcionalista, desejava utilizar para compreender a rede de traços essenciais que compõem a cultura e sustentam a complexidade da vida tribal, Malinowski dá grande importância àquilo que chamou de os imponderáveis da vida real”. A descrição da organização da tribo e a anatomia de sua cultura precisavam ser completadas por esses imponderáveis, que podem ser sutilmente captados no cotidiano. Em outro plano, busca-se captar também os modos de pensar e sentir típicos de determinada cultura. Analisando o Kula – fenômeno de trocas econômicas e simbólicas em torno do qual gravitam idéias, ambições, desejos e vaidades dos nativos do Pacífico Sul – Malinowski buscou apreender, além da lógica das trocas, os pontos de vista do outro (as pessoas investigadas) e suas formas de se relacionar com o mundo social.

Os dados sobre as lógicas e os imponderáveis da vida cotidiana, eminentemente qualitativos, são aqueles obtidos pelo registro etnográfico. Segundo Fonseca (2000), sua obtenção ocorre durante conversas de várias horas, nas quais parece que se está perdendo tempo, mas é quando o entrevistado fala do seu cotidiano e o pesquisador está atento para compreendê-lo, captá-lo e descrevê-lo. Para a antropóloga, nesse tipo de trabalho se faz essencial a busca por construir categorias analíticas “alternativas de vida social que foge da lógica prevista e previsível da modernidade” (FONSECA, 2000, p.7). Para tanto, o principal método de pesquisa é descritivo. A observação direta, ou *estar* em campo, resulta nas impressões, buscadas por tal reconstrução, que se baseia na formação do próprio pesquisador e nos moldes de sua perspectiva teórico-metodológica.

Nesse sentido, os dados de campo valem muito para a pesquisa quando se leva em conta a alteridade. Isto é, quando a pesquisa busca compreender os agentes sociais a partir do princípio da diferenciação e das singularidades de alguém que está no mundo de forma diferente de outras formas já pré-concebidas. Trata-se sempre do esforço de compreender outro modo de ver e de estar no mundo, um instrumento de pesquisa preocupado com a compreensão do outro: dá voz ao sujeito da pesquisa, como um compromisso da pesquisa.

Vale a pena relatar, também, a importância do diário de campo como técnica que nos deixa à vontade no trabalho de campo. Longe do constrangimento que um gravador possa causar para alguns informantes, limitando seu depoimento, quando se registra passagens das conversas em um diário de campo, parece ao informante que o pesquisador está de fato interessa-

do naquela conversa. Para Whitaker (2002), nesse processo ganham relevância aspectos subjetivos na relação pesquisador - pesquisado, nos quais pequenos gestos de entendimento podem reforçar uma confiabilidade mútua. É uma técnica que exige muito mais atenção e conhecimento sobre o campo social investigado. Diferentemente do gravador e do questionário, o pesquisador deve estar muito mais alerta às situações vivenciadas no campo para não perder detalhes cruciais das verdadeiras conversas com os interlocutores da pesquisa. A todo momento surgem detalhes que fogem daquilo que se está falando no momento e o pesquisador deve estar atento e possuir sensibilidade para perceber como esses detalhes se ligam às situações investigadas.

As histórias de vida também figuravam entre as técnicas de pesquisa do projeto, no intuito de se registrar a trajetória de trabalho e vida das mulheres anteriormente ao assentamento, bem como as lutas sociais organizadas e a trajetória já a partir do assentamento. Os dados advindos das histórias de vida contribuiriam para a análise das diferentes estratégias e das mudanças no *habitus* das famílias assentadas. Porém, nos pareceu mais viável retomar a perspectiva de Bourdieu, conforme o artigo “A Ilusão Biográfica”, que nos permite ir além da objetivação do percurso das mulheres até a chegada ao assentamento e de suas estratégias desde então. Ao invés de se proceder a uma reconstituição linear da história de vida das pessoas, que parte de onde nasceram, dos lugares por onde passaram, dos tipos de trabalho que tiveram e do que plantaram no lote, a nova perspectiva de utilização dessa técnica foi investigar, nos momentos de visita de campo e no diálogo com as interlocutoras da pesquisa, as opções que haviam nos momentos de tomadas de decisão e de colocar em prática as estratégias, identificando o porquê de ter sido feita tal ou qual escolha.

Para Bourdieu (1996a), o interessante a se observar é o momento da reflexão sobre a tomada das estratégias com base nas possibilidades que existiam, o momento pertinente à tomada de decisão e, assim, a análise dos recursos e das possibilidades dos agentes. Neste sentido, o autor destaca que o mais interessante é:

(...) o conjunto das posições simultaneamente ocupadas num dado momento por uma individualidade biológica socialmente instituída e que age como suporte de um conjunto de atributos e atribuições que lhe permitem intervir como agente eficiente

em diferentes campos. (...) A necessidade desse *desvio* pela construção do espaço parece tão evidente quando é enunciada (BOURDIEU, 1996a, p.190).

Não é possível negar que as pessoas vivenciam realidades estruturadas por relações sociais que lhes dão as possibilidades das experiências individuais e enquanto grupo. Bourdieu atribui ao *habitus* o princípio unificador das práticas e das representações, “(...) essa identidade prática somente se entrega à intuição na inesgotável série de suas manifestações sucessivas, de modo que a única maneira de apreendê-la como tal consiste talvez em tentar recuperá-la na unidade de um relato totalizante” (1996b, p.186). Por isso, não é possível entender o sistema de determinações a partir das representações de uma existência individual, senão enquanto parte de um grupo social. Por outro lado, tanto o investigador e o investigado possuem interesse em dar um sentido para o depoimento, em tornar razoavelmente inteligíveis as relações causa-efeito através de um ordenamento lógico, mas que pode redundar na aceitação de um sentido artificial de trajetória: “Produzir uma história de vida, tratar a vida como uma história, isto é, como o relato coerente de uma sequência de acontecimentos com significado e direção, talvez seja conformar-se com uma ilusão retórica, uma representação comum da existência (...)” (1996b, p.185). Portanto, os depoimentos podem ser interferidos tanto pela própria situação da investigação como pela representação que o investigado faz de sua experiência, na tentativa de criar um discurso sobre si mesmo e sobre determinados aspectos de sua vida, o que exige uma vigilância redobrada sobre as representações de ambas as partes.

Contra a ideia de história de vida, Bourdieu sugere que a cada momento, ao invés de descrever o que o agente fez, deve-se investigar o conjunto das possibilidades teóricas e da vida prática, porque há uma correspondência entre uma conjuntura específica e os capitais (culturais, econômicos, sociais) que ele possui, ou seja, as formas de recursos que cada um tem em sua própria história enquanto grupo social. Qual caminho foi escolhido dentre os possíveis? É essa história de vida que deve ganhar relevância, ou seja, levantar os momentos pertinentes e analisar o que pôde ser feito conforme as possibilidades. Por exemplo, deflagrar quais eram as possibilidades que havia em determinadas conjunturas, em termos de capitais materiais e simbólicos, pelas quais as trabalhadoras rurais esco-

lheram a luta pela terra e a vinda para o assentamento. O mesmo vale para as estratégias produtivas em integração com as agroindústrias ou para a diversificação da produção e inserção nas políticas públicas. Essa é uma postura que procuramos levar a campo durante o projeto, nas etnografias e para a elaboração dos registros em diário de campo.

### **3. Uma breve apresentação dos casos analisados**

Em outro artigo (FERRANTE et al., 2013), abordamos que, fora de casa, as assentadas se fizeram ouvir por agentes públicos e conquistaram algumas de suas reivindicações, como os espaços de agroindustrialização coletivos. No assentamento Monte Alegre, por exemplo, foram investigadas uma padaria e uma cozinha comunitárias – uma experiência bem sucedida e outra não. O acompanhamento das experiências revelou que elas se organizaram em grupos e passaram a produzir alimentos normalmente feitos para o autoconsumo a partir de receitas tradicionais da alimentação familiar, mas agora existem processos produtivos mais modernos que possibilitam o aumento do volume da produção e satisfazem necessidades sanitárias, possibilitando a comercialização de seus produtos em espaços urbanos. No contexto da redefinição do papel das mulheres, que não deixaram de exercer suas atividades domésticas, novas rotinas lhes são atribuídas com reflexos nas transformações mais gerais das famílias rurais. Neste sentido, o presente artigo abordará o caso de uma agroindústria familiar, ou seja, quando uma família a tem em seu lote, como a produção de derivados de cana com forte protagonismo de mulheres, como é o caso da dona Neusa.

Na esfera da produção agropecuária nos lotes, selecionamos algumas famílias com forte protagonismo das mulheres e apresentamos como a formação e a experiência das mulheres à frente de agroindústrias familiares – ou de outras atividades produtivas, como as granjas e hortas – extrapolam a esfera doméstica socialmente atribuída a elas, e se traduzem em estratégias capazes de reestruturar e promover novos arranjos no campo social dos assentamentos. No âmbito das escolhas produtivas, foi dada ênfase ao que e como produzir e comercializar, com quem e como se associar, buscando compreender como diferentes estratégias podem estar em conflito. Isso porque nos assentamentos investigados em Araraquara, as estratégias produtivas se dão a partir da controversa presença da cana industrial nos lotes, do assédio do complexo canavieiro sobre os assenta-

mentos e os contrapontos que os programas de aquisição de alimentos vêm proporcionando (FERRANTE, BARONE, 2011). Neste sentido, a posição das mulheres transita entre a conservação da lógica da agricultura convencional e sua subversão.

As experiências mostram que pode predominar uma acomodação em relação às “parcerias” com o setor canavieiro, mas também há possibilidades para que as mulheres tenham trabalho em torno de estratégias produtivas mais diversificadas e uma renda própria que complementa a renda familiar. Há também expressões de que elas insiram seus produtos no mercado urbano e estabeleçam diversas relações com outros agentes sociais – como pessoas e instituições ligadas ao governo, às instituições de ensino, vários setores de serviços e comércio nas cidades. Isso resulta em um trabalho em torno de uma atividade produtiva, que acaba sendo um aprendizado e um protagonismo político também. Porém, a trajetória das experiências mostra que são relações dinâmicas com agentes internos e externos, repletas de continuidades e descontinuidades.

Outras etnografias foram feitas com mulheres em diferentes situações, de diferentes idades, estado civil, empregadas tanto dentro como fora dos assentamentos. O que as aproxima, certamente, são as atividades domésticas. É muito comum encontrar no discurso das assentadas suas preocupações com o cuidado com a casa, com a alimentação e, sobretudo, com os filhos, mesmo quando elas trabalham fora do lote. Em algumas visitas pudemos ver de forma mais direta o cuidado com as crianças e adolescentes. Dentre as mulheres separadas de seus maridos, foi possível ver relações de muita afetividade entre mães e filhos/as. Geralmente, após a separação do casal, os homens se distanciam e as mulheres assumem ainda mais tempo no cuidado com os filhos. No caso das mulheres viúvas, foi possível observar situações de conflito na família, como a família que enfrentava a revolta da filha mais jovem, em função de sua mãe dar continuidade à gestão do lote como o marido fazia, agora sob comando do filho. Em outra perspectiva, há mulheres que passam a comandar o lote, independente de se casarem novamente ou não.

Também foi possível abordar relações matrimoniais das famílias no projeto. É importante destacar que essa dimensão dá muita dinâmica à vida nos assentamentos. Somados às possibilidades nas estratégias produtivas, os matrimônios entre filhos e filhas de assentados recriam condições de produção e reprodução social nos assentamentos. Mas além do casamento entre os filhos de assentados, as relações matrimoniais transitam em torno

da possibilidade dos jovens se casarem e morarem fora, pessoas da cidade que se casam e vêm morar nos assentamentos, a união entre senhores e senhoras viúvos, dentre outras situações. Procuramos abordar essa dimensão, embora nem sempre tenha sido possível. Como as relações são muito dinâmicas, o acompanhamento e a confiabilidade também são necessários para se realizar etnografias sobre esse verdadeiro vai-e-vem das estratégias familiares de forma ampla.

As informações de campo foram organizadas por família. Na maioria, são registros que abordam a origem da família, como elas chegaram ao assentamento e suas principais estratégias familiares desde então. Tentamos mostrar as diferenças e semelhanças nas estratégias das famílias, a partir de suas experiências, sem querer esgotar as situações possíveis e nem chegar a diagnósticos conclusivos sobre elas. Conjuntamente às informações sobre a conjuntura política nos assentamentos e na apresentação das principais disputas no interior dos assentamentos, que giram em torno das integrações agroindustriais e das políticas públicas mais ligadas à produção, comercialização e aquisição de alimentos, procuramos localizar as representações e as escolhas produtivas das famílias.

#### **4. Etnografias com mulheres assentadas**

##### **4.1 Dona Neusa: a cana que vira açúcar mascavo e rapadura**

Dona Neusa é uma assentada que produz açúcar mascavo e rapadura em seu lote, com a ajuda do marido e da filha. Em 2009, quando articulamos a participação de um grupo de assentados/as em um curso sobre esses derivados de cana, na UFSCar em Araras/SP, ela já se destacava por seus conhecimentos no fabrico dos produtos<sup>4</sup>. Depois disso, foram várias visitas ao lote, durante as quais pudemos acompanhar as mudanças nos sistemas produtivos e da dinâmica familiar.

Ela nasceu no Pontal do Paranapanema, seus pais eram colonos na fazenda de um japonês. Morou na fazenda até os 28 anos. Era uma fazenda que produzia melão, feijão, abóbora, batata, dentre outras produções vegetais para os mercados das cidades do entorno. Disse que a disciplina na fazenda do japonês era muito forte, não se podia conversar durante o trabalho, tinha o fiscal sempre por perto. Ela própria se tornou fiscal, controlava

<sup>4</sup> Na ocasião, o professor que ministrou o curso a toda hora fazia questões aos assentados para testar seus conhecimentos, como sobre o ponto certo de tirar o produto do fogo. Ao final do dia, na hora de entregar o certificado, o professor brincou que a dona Neusa era a primeira da turma.

os dias de trabalho, cuidava do pagamento dos trabalhadores, ensinava o trabalho, mandava embora. Lembrou de sua infância por lá, quando começou a “ajudar” a família, cuidando de seus irmãos, aos 8 anos: “Era tão criança, pulava amarelinha. A vizinha chamava que o nenê queria mamar, eu fazia com “engrossante” e o leite não saía na mamadeira, porque tava com pressa para brincar”. Ela parou os estudos para ajudar a mãe e não completou o Ensino Fundamental. Sua mãe trabalhava nas colheitas de algodão ou batia amendoim em outras fazendas: “Eu ficava olhando minha mãe entrar no caminhão e ficava com dó. Se ela ganhasse uma bala, trazia para mim. Eu jurava que um dia ia ajudar”. Aos 12 anos, falou para a mãe que ia trabalhar na fazenda, mas a mãe não queria que ela abandonasse os estudos. Ela cursou até a sétima série, quando já estudava no período noturno, e o dinheiro ela dava ao pai. Disse que quando começou a receber seu dinheiro toda semana na porta da casa do patrão, isso incentivou seus irmãos a abandonarem os estudos também.

O pai, que não era muito bom com ela, pagava aluguel, água e luz. O dinheiro dos demais era para a despesa da família. Ela mencionou que gostava de comprar uns poucos itens para seus cuidados pessoais, como *shampoo* e esmalte, afinal, na fazenda só havia rapaz e moça solteira, então ela disse que namorou muito em sua juventude, embora não tenha se casado nessa época como era de costume. O pai implicava com tudo em relação a ela, inclusive a batia. Aos 19 anos, tomou a maior surra na frente das amigas, foi a ocasião em que ela ficou com raiva do pai. Ela estava fazendo o cabelo de uma amiga para o casamento (disse que passava cerveja para formar cacho), quando o pai começou a bater nela. A tia foi defendê-la e, no calor da briga, perguntou por que ele não tinha deixado a mãe da dona Neusa ir embora: foi quando ela descobriu que não era filha dele – e por isso ele tinha raiva dela.

Depois disso, parou de dar o seu dinheiro ao pai e passou a fazer a despesa ela mesma, para todos da família. Disse que isso fez melhorar, porque o pai procurava economizar com tudo, “comprava até o arroz ruim”. Depois que ela assumiu as despesas, até o pai passou a ver como ela fazia e mudou um pouco seu jeito, disse ela. Seus irmãos davam o dinheiro para ela comprar os mantimentos da família. Sua legitimidade foi sendo constatada também pelo fato de que Neusa era uma das melhores trabalhadoras rurais da fazenda. Quando ela tinha 28 anos, a família passou um natal em Guariba/SP, na casa de uma de suas tias. Foi esta tia quem a convidou para ir morar em Guariba, seus primos eram cortadores de cana:

“tinha muito, eu nunca tinha visto tanta cana”. A tia lhe falava: “se você vier, vai rachar de ganhar dinheiro, Neusinha, do jeito que você trabalha”. Ao voltar para a fazenda, falou com o japonês e ele deu até um dinheiro a mais para ela ir, escondido de outras pessoas. Os empregados não eram registrados na fazenda, então foi uma espécie de pagamento moral do patrão, que disse que era por tudo que ela já havia feito. “O japonês me falou: “eu vim do Japão, deu certo, se não der certo [para você], você volta””. A mãe só chorava e o pai não falava nada.

Ela e uma colega (Biú) foram para Guariba e alugaram uma casinha, lembra delas fazendo comida improvisando um fogareiro com lata: “Nós queimava a lata!”. Sua amiga começou a namorar o fiscal da usina e, aos sábados, ele levava as duas para comer pizza e tomar sorvete. Em uma dessas saídas, o rapaz disse a ela que um amigo dele queria conhecê-la. Mas ela tinha deixado um namorado lá no Pontal. O tempo foi passando e o rapaz foi apresentado a ela, era o Sr. Luiz. Ele trabalhava como pedreiro na cidade e nunca tinha sido da roça. Quando a amiga foi morar com o namorado, o Luiz também chamou dona Neusa para morar com ele. Mas ele morava provisoriamente em um hotel. Então, ela contou que escreveu à sua mãe perguntando o que achava da situação, sua mãe lhe respondeu: “você tem 28 anos, veja o que faz aí” – ela fez menção que a mãe achava que já estava mais do que na hora da filha se casar. Então, dona Neusa foi morar com o sr. Luiz e ficaram apenas 1 mês no hotel, depois já foram construir a casa deles.

Nessa época, dona Neusa ganhava premiações da usina por ser “a mulher produtividade”. A usina concedia cestas básicas aos trabalhadores que cortassem mais cana e havia premiação para as mulheres também: “todo mês era eu”. O casal ficou por 10 anos em Guariba, onde tiveram as duas primeiras filhas. Mas quando tinha 38 anos, Dona Neusa parou de cortar cana, quis sair da cidade para morar em sítio. Ela disse que 10 anos na cana acabou com ela, embora esteja muito bem, continua uma forte trabalhadora em seu lote. O casal chegou a ver um sítio em Mato Grosso, que tinha 23 alqueires e forte produção de banana. O problema era que lá havia muita febre amarela. Uma outra colega dela, trabalhadora rural de Guariba, sabia que havia lotes do assentamento Monte Alegre à venda, então falou: “nem pensar que vocês vão para lá, vão para o assentamento”.

Em 1992 eles venderam a casa de Guariba e chegaram ao assentamento com uma cama de casal, outra de solteiro e um fogão. Compraram um lote de moradia (na agrovila) que só tinha um barraco de barro.

Em uma semana, construíram três cômodos. Quando já haviam feito uma horta e outros roçados de mandioca e abóbora, o pessoal do Itesp foi lá falar que eles não poderiam ficar, porque eles tinham feito o negócio diretamente com a família que saiu e não através do Itesp. Mas a família conseguiu convencer os gestores a ficar, pelo perfil de trabalho e pelas várias benfeitorias que haviam feito, inclusive a limpeza do poço. Dona Neusa mencionou que depois disso o Itesp chegou a deixar a família ocupar 3 lotes da agrovila com criação de gado, enquanto esperava sair um lote de produção. Além do gado, já fazia rapadura e a família plantava o “arroz e feijão” dela.

Em 1997, finalmente foram morar no sítio. Foi um ano no qual várias famílias que estavam irregulares, como a dela, foram regularizadas. Novamente começou um período de mudanças e adaptações para a família, eles tiveram que construir outra casa, preparar a nova terra, ela cuidava das crianças e começou a ter que trabalhar em colheitas de laranja para ajudar a ganhar dinheiro<sup>5</sup>. Seus outros três filhos já haviam nascido e as mais velhas se incumbiam de cuidar dos mais novos. Compraram material e o sr. Luiz construiu a casa.

Depois disso, veio a estratégia produtiva do bicho da seda. Ela ganhou os bichos e acabou juntando com uma vizinha “comadre” para produzir. As duas cobriram um barracão, mas nunca deu certo: “os bichos não subiam, faltava comida para os bichos, o padrão da empresa nunca era alcançado”. Tinha que forrar o espaço dos bichos com folhagem de amora para alimentá-los até que eles subissem ao forro para fazer o casulo. Lidando com as amoras, a comadre quase morreu de picada de aranha. “Era roçar braquiara para a amora ir bem, picar tudo e colocar lá, mas o bicho não subia para fazer casulo”. Ela abandonou e tentou plantar maracujá. Teve um período que deu bem e ganhou algum dinheiro, mas depois deu doença e teve que acabar também. Parou com o gado porque o casal foi envelhecendo e porque na seca tem que ser mais porco e galinha. Para eles, o gado requer mais manutenção também, pois estoura cercas e dá mais trabalho em geral.

Por todo esse período, ela continuou sempre produzindo rapadura, pois era a produção que lhe dava um retorno garantido. Mesmo se não plantasse a cana, podia-se comprá-la nas redondezas para fazer um lote de rapadura. E quando o pessoal começava a perguntar se ela ia fazer ra-

---

5 Ela disse que apanhava laranja na fazenda Moreira, antes produtora de citros e que hoje é apenas de cana-de-açúcar.

rapadura, era por que já estava na hora de fazer. Disse que aprendeu a fazer rapadura com um primo, em Guariba. No assentamento, ela fez primeiro um engenho movido à égua, depois um elétrico e agora tem um à gasolina para moer a cana.

O casal possui uma interessante estratégia para cuidar das atividades do lote: cada um toma conta de sua atividade com autonomia, embora se ajudem todo o tempo, ela com a rapadura e o Sr. Luiz tem um bar. Por exemplo, quando dona Neusa fala do bar, que fica no lote, ela fala: “É do Luís, eu nem vou lá e nem sei nada do bar”. Além do bar, ele faz serviços de pedreiro para fora. Já o negócio da rapadura é dela e da filha: são elas que vão comprar a cana, a lenha e os demais ingredientes como abóbora, mamão etc., lavam e preparam a cana um dia antes, depois fazem a rapadura e embalam, comercializam dentro e fora do assentamento. Os filhos que trabalham fora possuem seus próprios salários. Porém, pudemos perceber que o sr. Luiz ajuda a moer o caldo da cana, na medida que ela precisa de mais na produção da rapadura. Ele ajuda também a comercializar a rapadura e o mascavo em seu bar. Ela, por sua vez, “ajuda” no bar: uma vez chegamos e os dois estavam no bar conversando com alguns clientes. Mas o mais importante a destacar é que mesmo a rapadura sendo uma atividade das mulheres do lote, o rótulo que vai no produto leva o nome do Sr. Luiz como se ele fosse o produtor. Segundo o casal, isso não tem problema e é até necessário porque apenas ele possui registro de produtor rural, muito embora a DAP e a própria titulação do lote atualmente são conjuntas. Dona Neusa diz não se importar que no rótulo saia apenas o nome dele.

Em 2013, estávamos organizando um curso sobre contabilidade para grupos produtivos de mulheres e fomos convidar a Neusa. Ela contou que estava passando o negócio da rapadura para a filha, Giselda, pois já está chegando o tempo de sua aposentadoria. Ela alegou que está querendo ficar mais tempo na beira do rio, pescando (sua atividade de lazer preferida), cuidando da casa e dos netos, sem a obrigação de produzir açúcar e rapadura. Mesmo a atividade de lazer se transforma em uma atividade que gera renda, na medida em que os peixes pescados no rancho que eles frequentam são consumidos e comercializados no lote. Há inclusive uma placa na entrada do lote informando que eles vendem peixes frescos no bar. Dona Neusa sempre reafirma que adora ir pescar, adora ir para a beira de um rio, bem como seu marido. Das últimas visitas em seu lote já havíamos registrado a participação da filha na produção da rapadura, momento no qual dona Neusa passa à filha seus conhecimentos na produção.

Ao indagarmos quais os pontos de comercialização em Araraquara, ela disse que não queria ampliar a produção e a comercialização, por causa do trabalho, dos custos e porque: “os meninos estão trabalhando fora. As meninas não querem expandir”. Ela comercializa no local, onde funciona o bar do Sr. Luiz, faz feira, os técnicos do Itesp encomendam para levar a feiras de grande porte (como no parque da Água Branca em São Paulo e na AGRIFAM<sup>6</sup>) e em apenas um ponto em Araraquara, no mercado municipal. Ela disse que não gosta muito de ir à cidade comercializar a produção: “Eu me perco em Araraquara. É outra lógica”.

O casal tem cinco filhos, duas já eram casadas e moravam fora do assentamento. Três moravam no lote, sendo uma casada com um rapaz de fora do assentamento (Giselda, 23 anos), outro com 21 anos já era casado com uma moça do assentamento (este foi lembrado como um marco da família, quando vieram para o assentamento este filho tinha 8 meses) e o caçula tinha 18 anos, ainda não era casado mas namorava com uma moça do assentamento. Os três que moravam no lote diziam que não queriam sair do assentamento, mesmo os que trabalhavam na cidade – os dois mais novos. Em 2015, novas mudanças: na última visita que fizemos ao lote da dona Neusa, ela falou que sua filha Giselda foi morar com o marido na cidade. Eles estão “apanhando laranja”. Mas outra filha dela voltou a morar no lote. Não pudemos descobrir se esta havia se separado e voltado a morar no lote ou estava lá para ajudar a mãe, mas o fato é que nesse dia havia outra filha da dona Neusa a ajudando a fazer a rapadura. Portanto, de uma maneira ou outra, seu protagonismo com a produção da rapadura permanecia como uma atividade central do lote.

#### **4.2 Dona Márcia: trajetória urbana e enraizamento por meio de atividades não-agrícolas**

Em uma das visitas ao grupo de mulheres da padaria, observamos que havia colado na parede um anúncio de uma mulher que montou um bazar de produtos de limpeza em seu lote. Foi assim que tomamos conhecimento da dona Márcia, mulher que também faz licores e que participou

---

6 Neste dia ela estava começando a se organizar para preparar um lote de rapadura que os técnicos do Itesp solicitaram para levar à AGRIFAM. Na visita que fizemos no dia 09 de agosto de 2013, ela já tinha voltado da AGRIFAM, nos disse que levou 800 barras de rapadura e voltou com apenas 130, porque houve um desencontro com um dos compradores no último dia de feira, que iria comprar a produção restante. Mas ao chegar em Araraquara o comprador da cidade já estava ligando para ela e solicitando o produto, portanto ela foi entregar essas rapaduras a ele.

de um curso de turismo rural, promovido pelo SENAR. Ela trabalha na escola como monitora da biblioteca e nas horas vagas faz as bebidas na cozinha de casa e revende produtos de limpeza. Em certa ocasião, seu filho estava passando pela padaria e a Jiseli – liderança da padaria – o chamou para saber onde estava a mãe, pois queria nos apresentar a ela. Ele estava justamente indo buscá-la na escola e aproveitamos para conversar rapidamente com os dois. Marcamos uma visita no lote. O filho chama-se Daniel e naquele dia nos contou de suas pretensões de abrir uma gráfica no assentamento, pois ele já fazia alguns trabalhos em seu computador em casa e, apesar da impressora de baixa qualidade, as pessoas elogiavam seus trabalhos – por exemplo, convites de casamento, rótulos para os licores da mãe, cartões de apresentação, dentre outras artes.

Em nossa visita ao lote, começamos a conversa nos situando da sua novíssima situação matrimonial: ela acabou de sair do seu segundo casamento! Agora está morando no lote da dona Cida, uma assentada que considerou ser sua madrinha. Ela nos contou um pouco de sua história, “uma vida que passa por mudanças todo ano”, disse.

Sua relação com o assentamento é bem interessante, pois ela nunca morou em sítio. Nasceu em Araraquara e sempre morou na cidade, já trabalhou em várias indústrias, como a Cultrale e a Lupo. No entanto, sua família tinha uma casa com quintal amplo, com vários pés de fruta, inclusive sua mãe já fazia licor de jabuticaba e pães no forno à lenha para a família.

O primeiro marido foi “o primeiro namorado, o primeiro tudo”. Ele trabalhava em metalúrgica e, por isso, o casal optou por se mudar para Guarulhos/SP para construir sua vida. Contou que logo após o casamento ele mudou completamente, passou a ser outro homem, autoritário, passou a ofendê-la com frequência, brigar por motivos sem importância. “Eu tinha que ouvir coisas que não se fala nem na beira da estrada”, disse ela. O primeiro filho (Helder) nasceu lá, em um período da vida que alegou ter passado fome, ficava muito sozinha grávida e depois com o neném, pois não tinha familiares por lá. O marido passava o dia trabalhando e aos finais de semana reunia amigos para beber, brigava e fazia o inferno com a dona Márcia. Quando estava grávida do segundo filho (Daniel), sua mãe a convenceu a voltar para Araraquara.

Quando o segundo filho nasceu, já na maternidade Gota de Leite em Araraquara, ela adoeceu e teve que ficar internada, contou que seu pai levava o neném a cada três horas para ele mamar. O marido começou a ter um caso com outra mulher, quando ainda era casado com ela e não fez muitos esforços para esconder essa relação. Chegou a sair de casa por

duas vezes para morar com a outra mulher, mas depois de uma semana ele voltava. Dona Márcia disse que na terceira vez que isso aconteceu, ela resolveu que se ele fosse embora novamente, não voltaria mais. E ele acabou fazendo a mesma coisa: foi passar uns dias na outra mulher, mas quando retornou para casa a Dona Márcia não deixou ele entrar e o fez ir embora por definitivo. Foi quando começaram as discussões mais árduas do casal.

Neste período, ela fazia faxina, fazia salgado, bolo, ovo da páscoa, pizza e vendia para vizinhos para ganhar um dinheiro. Após o término do primeiro casamento, ela passou a trabalhar em dois empregos para manter a casa e os dois filhos pequenos. Começou a trabalhar como diarista em casa de família, das 8hs às 16hs, depois ia para a sua casa fazer comida e faxina, colocava os filhos para dormir às 20hs e saía às 21hs, para trabalhar na fábrica da Lupo, de onde saía direto para a casa de família. Ou seja, ela tinha apenas cinco horas para ficar com os filhos, cuidar de sua própria casa e descansar, o restante do tempo ela estava trabalhando para ganhar salário. Sua mãe faleceu neste período, então não tinha com quem deixar os filhos.

Depois que se separou do marido, ele não ia mais ver os filhos. Ele trabalhava como motorista (Viação Paraty) e a pensão dos filhos descontada do seu salário. Mas ela teve que ir um monte de vezes na empresa explicar e cobrar dele que havia se separado dela e não dos filhos. Por sua vez, ele vivia indo no portão da casa dela, gritava, xingava e ameaçava ela de abandonar os filhos. A nova esposa do ex-marido trabalhava no Fórum e reforçava a ameaça, isso só parou quando a dona Márcia ligou para ela e disse que era bom segurar o marido dentro de casa, pois ele vivia no portão de sua casa.

Relatou que nessas brigas ele fez um estrago na vida dela, deferindo palavrões sempre que a via, humilhava-a na frente de todos, até que a gota d'água foi um dia que ela estava no terminal rodoviário esperando o ônibus com as colegas de trabalho para ir para fábrica da Lupo, quando ele parou o ônibus abriu a porta e passou a xingá-la no meio do terminal rodoviário. Ela disse que seguiu firme e foi trabalhar. Neste dia, ele discutiu com ela porque havia combinado de buscar as crianças para levar para passear. Porém, segundo a Dona Márcia, ele sempre prometia buscar os filhos e dificilmente aparecia. Este dia em específico, combinou de pegá-los no período da tarde, mas era noite e ele não havia aparecido, então ela pegou os dois filhos e foi com uma amiga e os filhos dela ao clube Melusa e depois à lanchonete. Quando ele a viu no terminal disse que ela

estava levando os filhos para a noitada e ela ficou extremamente abalada, por ouvir aquilo na frente de suas colegas de trabalho. Disse que foi muita humilhação e ela estava apenas preocupada em sair para distrair os filhos e não ficarem pensando naquela coisa tipo, “o pai não veio buscar”.

No dia seguinte, tomou uma atitude drástica: colocou uma faca na cintura e foi na empresa na qual ele trabalhava e esperar ele entrar para o trabalho, pois achava que ele ia partir pra cima dela. Ficou com medo do que poderia acontecer, pois estava fora de si, não aguentava mais aquela situação. Neste dia, ela disse que falou tudo que tinha pra falar, desabafou tudo que estava entalado. Depois ligou para a nova mulher dele e disse para ela cuidar de seu homem que ele estava atormentando a vida dela. Após isto ele se afastou da Dona Márcia, mas a relação continuou conturbada, principalmente por conta dos filhos. O filho mais velho tinha uma melhor relação com o pai, já o mais novo (Daniel) não gostava do pai, segundo a dona Márcia, por conta de se sentir abandonado, ele quando pequeno fugia de casa e ficava escondido jogando vídeo-game.

A dona Márcia conta que não guarda mágoas e hoje em dia consegue até conversar com ele e com ela, mas na época passou muitas dificuldades. Tanto ele como a atual esposa eram casados quando começaram a ter um caso, “então foi uma coisa errada desde o início” disse. Ela acredita que isso tem relação com a condição da filha deles, hoje com 14 anos, disse que é uma jovem que tem ausência, tem esquecimentos e convulsões, se perde no meio da rua. Até hoje ele continua saindo da casa da mulher: contou que recentemente ele morou 4 meses na casa do filho mais velho (Helder, hoje casado e mora em Araraquara, no bairro do Cecap). Disse que é uma relação que nunca deu certo porque começou errado.

Com o passar do tempo e os filhos crescendo, ela não aguentava mais trabalhar em dois lugares, o cansaço era grande, não tinha tempo para mais nada, até que prestou concurso para trabalhar na prefeitura e conseguiu entrar. Começou como berçarista e depois passou a ser agente educacional. O salário era menor, mas ela tinha mais estabilidade e tempo para ela, era mais perto de casa. Ela ficou doente, devido ao cansaço físico e mental, entrou em uma profunda depressão, pediu o afastamento do serviço e não queria mais sair de casa. Após reconhecer seu problema, foi procurar ajuda médica, passou por um médico psiquiatra e por psicólogos, para ajudar em sua recuperação. Foi quando começou acompanhar seu pai.

O pai de Dona Márcia foi casado com a mãe dela até os 78 anos, quando ficou viúvo e foi estudar teologia. Virou padre e passou a visitar as

igrejas da região realizando missas. No período, Dona Márcia começou a acompanhar seu pai nas missas, foi quando teve seu primeiro contato com o assentamento, pois seu pai realizava missas no assentamento. Paralelo a isto, ela continuava a freqüentar o terminal de ônibus, pois possuía amigas que havia feito em muitos anos esperando ônibus lá. Ela conheceu a futura cunhada nas feiras do terminal de integração. Contou que para ajudar a passar a depressão ela ia conversar com as assentadas que ficavam lá comercializando verduras: dona Nice, Madalena, Bárbara. Segundo ela, seu segundo casamento foi “arranjado” pelas amigas, com um assentado irmão de uma das mulheres que faziam feira no terminal (Bárbara).

Neste meio tempo, seu filho mais velho casou-se e foi morar com a mulher no bairro Cecap II e já tem uma filha<sup>7</sup>. Ele trabalha como gerente na drogaria São Paulo e a nora trabalha na Secretaria de Saúde de Araraquara. E a Dona Márcia, um pouco mais tranquila, resolveu ir cuidar de sua vida: conheceu o irmão de sua amiga, foi morar com ele no lote, junto também com seu filho mais novo (Daniel, no período da entrevista com 26 anos). Alegou que com toda essa história, ela e os filhos criaram uma relação de muita amizade e cumplicidade, tem liberdade com os filhos.

O casamento com o assentado durou pouco. Um ano depois que ela foi morar no lote eles se casaram. Ficaram aproximadamente 3 anos casados mas acabaram de se separar. Ele entrou no assentamento bem em seu início, no núcleo IV. Quando Dona Márcia foi morar com ele, o assentado estava se recuperando de um câncer e por isto seu lote se encontrava praticamente parado, ou seja, sem nenhuma atividade produtiva. Ele trabalhava na usina e ficou doente, foi afastado e depois de um tempo cortaram seu benefício. Estava vivendo de doações do hospital de Ribeirão Preto/SP e recebia cesta básica da comunidade, “vinha pó de café de um, lata de óleo de outro”, disse ela.

Ela reordenou a vida dele, começou a investir no lote, comprou algumas galinhas, porcos, investiu em uma horta, plantaram cana com a usina, milho, feijão, abóbora e frutas. Fez reforma na casa com material de construção que ela trouxe de sua casa de Araraquara, ampliou dois cômodos da casa. Relatou inclusive que levou o marido para a praia pela primeira vez na vida, com 60 anos ele nunca havia visto o mar. Foram para Ubatuba/SP passar alguns dias. Achou que tinha casado “até que a morte os separem”, casou achando que seria para sempre.

<sup>7</sup> Ela disse que no dia anterior da nossa conversa tinha sido aniversário de 7 anos da neta e ela foi para a cidade na festinha. A neta gosta muito da avó e vive pedindo para ir morar com ela no sítio. Toma banho com a neta, tem liberdade também com a nora.

No período que viveu no lote com ele, dona Márcia e seu filho ajudavam no trabalho do lote, ela fazia feira aos domingos em Matão. Além disso, voltou para seu trabalho na escola do assentamento, e aproveitava para vender parte da produção para os funcionários da escola. Daí teve a idéia de começar a fazer licor com frutas do lote. Ela sempre teve vontade de fazer como a mãe fazia, viu uma reportagem na televisão e começou a procurar receitas na internet. Comprou vidrinhos em São Paulo para envasar e comercializar os licores de jabuticaba, amarula, jenipapo, limão, coco, morango, dentre outros sabores.

Seu filho também gosta do assentamento e quer ficar. Veio para o assentamento com 21 anos e até então também nunca havia morado em sítio. Trouxe novas perspectivas de trabalho consigo, montou uma espécie de gráfica em casa com uma impressora na qual fazia convites de casamento dos assentados, aniversários e festas em geral, em suas horas vagas. Ele fez cursos de Autocad e outros no colégio industrial. Paralelamente, quando entrou no assentamento foi trabalhar na parte administrativa na cooperativa do núcleo IV, mas agora está trabalhando na Citrosuco, também na parte administrativa. Ele que faz os materiais de divulgação e rótulos dos produtos da mãe.

Portanto, quando dona Márcia se separou, em dezembro de 2012, ela e o filho quiseram ficar no assentamento. De comum acordo ela saiu do lote e não reclamou nada das benfeitorias que fez no lote do ex-marido. Agora está morando numa casinha no lote de sua madrinha no núcleo III – embora denomine a dona Cida de madrinha, não confirmamos se elas têm parentesco de fato. Sua vinda pra cá foi uma opção dela, porque tem até casa em Araraquara, mas não quer voltar a morar na cidade de jeito nenhum. Segundo ela, “aqui é sossegado, tem um barulhinho bom de manhã, é uma benção, é um paraíso, não iria para a cidade nem pra morar numa mansão”.

Sua madrinha possui uma capela no lote, onde são feitas missas semanais, ela relatou o grande número de pessoas que frequentam o lote, seja para conversar, seja para missa, para receberem benção, para almoçar. Sua madrinha participou em um momento da conversa<sup>8</sup> e disse que no dia anterior tinha feito almoço duas vezes: fez o almoço para visitas de Matão,

---

8 Foi quando ela saiu da cozinha e foi até o fundo do lote colher uma pimenta para temperar a comida, que estava sendo preparada para o jantar. Estava fazendo arroz, toucinho, repolho (com a referida pimenta) e farofa.

depois chegaram mais alguns compadres, e ela foi fazer mais arroz, feijão, mistura, etc. Disse que não gosta de comida que fica requentando e que ela vai para a cozinha arrumar a refeição rapidinho.

Pedimos para a dona Cida descrever um pouco sua rotina no lote, então nos disse que nos últimos tempos andava muito sozinha, o marido está doente e não está mais trabalhando pesado no lote. Disse que lembra dele roçando pra cima e pra baixo e que agora está quieto em casa, porque sofreu um derrame. Ela acorda cedo para tratar dos porcos, depois volta à casa para fazer o café, varre a casa, cuida da louça. Daí já começa a chegar gente por conta da igreja, depois faz almoço, depois chega mais gente. A dona Márcia lembrou que a madrinha poda árvore, varre todo o lote (não só a casa), planta coisas, inclusive remédio – está querendo plantar a planta com a qual ela sabe fazer mercúrio, já está com as mudas. Ela plantou cana com a usina e depois parou, agora está investindo mais em abacaxi, milho e mandioca. Tem também horta com tudo um pouco. Costumava ir fazer feira em Matão e Araraquara, agora com o marido doente não está mais saindo tanto, está vendendo para a cooperativa do IV.

Está achando muito bom a dona Márcia estar aqui agora, elas se ajudam muito. E vimos que dona Cida arrumou uma casinha bem aconchegante para ela morar com o filho. Antes, dona Cida estava passando dificuldades com o marido quando ele precisava de cuidados de madrugada, saía pela rua para pedir a alguém que tinha carro para ajudá-la. Agora com a dona Márcia e seu filho morando lá qualquer emergência podem contar com eles, inclusive porque possuem carro.

Quando encontramos a dona Márcia no ponto de comercialização na estação de trem em Bueno, sua produção tinha dado um grande salto qualitativo: antes, ela fazia os licores com álcool de cereais e as embalagens eram pequenos francos de aproximadamente 100 ml, comercializadas por R\$ 5,00 cada. Na ocasião, vimos que ela passou a usar a cachaça do Sr. Edson – assentado que produz uma cachaça de qualidade no assentamento – como matéria-prima dos licores, que estavam muito mais saborosos. As embalagens também aumentaram para garrafas de 350 ml., ao preço de R\$ 10,00 a unidade. Ela estava produzindo novos sabores de licor: amarula (com chocolate), anis, manga, banana, jabuticaba, café, morango, jenipapo, limão e abacaxi. Expressão clara da possibilidade do empoderamento feminino.

### **4.3 Dona Regina: uma assentada separada e suas perspectivas de trabalho no assentamento**

Tínhamos combinado de ir ao lote da dona Regina depois da última visita à padaria. Ela estava participando do grupo que trabalha na padaria, mas quis sair para assumir uma vaga como monitora do ônibus escolar da escola do assentamento. Nossa conversa foi sobre sua vida e trajetória de trabalho, sobretudo a partir de quando chegou ao assentamento. Dela pudemos identificar a diversidade de situações das famílias em distintos períodos no assentamento.

Ela participou da ocupação das terras do núcleo VI do Monte Alegre, está na fazenda desde 1997. Veio com o marido, seus dois filhos (na época, com 2 e 4 anos) e sua mãe. Antes eles viviam em Sertãozinho/SP, o marido era roupeiro no ginásio da cidade e ela merendeira em uma escola. O casal também trabalhava em usinas, no corte de cana. Sua mãe era idosa e ficava com a dona Regina, porque não tinha outra pessoa para cuidar dela. Em 1999, veio a sofrer um AVC e ficou debilitada. Pouco mais de uma década depois, em 2010, veio a falecer. Contou uma passagem de medo que teve com a mãe doente em casa: ela fez a casa de madeira e um dia de muita tempestade, parte do telhado saiu voando, trovejava e ventava muito forte, ela disse que foi assustador. Disse que as tempestades são muito fortes no assentamento e que já passou muito medo aqui, principalmente porque ficava a maior parte do tempo sozinha para cuidar da mãe e das crianças.

Um ano antes de sua mãe falecer, em 2009, dona Regina se separou do marido e ele quis ir embora do assentamento. O marido não aguentou ficar no lote, segundo ela, porque ele nunca quis vir e não queria ficar no assentamento. Enquanto eles estavam casados e vivendo no assentamento, ele trabalhava fora, continuou em Sertãozinho, no corte da cana e como roupeiro no ginásio de esportes. Quando se separam, ele foi ao Itesp saber dos seus direitos e lá eles disseram que o lote ficaria com ela. Ela disse que sempre foi titular do lote, mas era conjunta. Quando eles se separaram, ele quis ir embora e não teve direito a nada em relação ao lote.

Ela tem ainda uma irmã no núcleo II, que está no assentamento há 25 anos. Sua irmã é viúva, perdeu o marido e ficou com 4 filhos no lote. Um dos filhos, porém, morreu esses dias, como o pai, de infarto, com apenas 50 anos de idade. Com a morte dos dois, a irmã quase vendeu o lote e foi embora, mas a família resolveu ficar. Segundo ela, todo mundo que

vendeu se arrepende. Ela mencionou um casal de mais idade que vendeu o lote por aproximadamente R\$ 150 mil e comprou uma casa na cidade, para ficar mais perto dos netos e da família. O casal conta que se arrependeu porque seria muito melhor ter ficado no assentamento, principalmente por conta dos netos aproveitarem e, na cidade, está tendo muito mais trabalho no sentido dos seus filhos deixarem os netos para eles cuidarem – ou seja, no assentamento, supostamente seria mais fácil deixar as crianças brincarem no sítio ao invés de ficar dentro de casa na cidade.

Seus filhos estavam com 17 e 20 anos. O mais novo cursava o terceiro ano do Ensino Médio e o outro cursava com bolsa o curso de Propaganda e Marketing na Unip (Universidade Paulista). Segundo ela, o filho que está na faculdade tem uma bolsa de estudos. Notamos a falta de perspectiva dos filhos ficarem no assentamento. Durante a conversa eles estiveram no quarto, ficam dentro de casa e no computador. Dona Regina contou que eles não têm e não se interessam por atividades agrícolas. O que não deixa de ser uma contradição ao afirmado no parágrafo anterior, sobre a perspectiva do casal de idosos em relação aos netos. Mas mostra justamente a diversidade de situações das famílias em um recorte temporal não-linear, a diferença da infância e da adolescência vivida no meio rural e a perspectiva de filhos e netos no assentamento.

Sobre as dificuldades iniciais, mencionou que vieram pra cá sem água, luz e estrada. Ficaram dois anos sem nada. Por outro lado, ficavam com os tocos dos eucaliptos no solo, pois a madeira e o dinheiro dela “ficou com o sindicato” – ela falou isso de forma a deixar claro que não sabe para onde foi esse dinheiro, mas sabe que não foi para benfeitorias para as famílias: “o dinheiro sumiu, mas poderia ser parte da rede elétrica, das estradas etc.”. Essa passagem se refere ao fato de que a fazenda do assentamento Monte Alegre era uma terra pública de Fepasa, utilizada para plantio de madeira para os dormentes da estrada de ferro. Quando foi destinada ao assentamento, ainda havia muita madeira plantada e a maioria dos assentados afirma que não sabe o que aconteceu com o dinheiro da venda dos eucaliptos.

Desde que chegou plantou alimentos. No começo era arroz, milho, moranga, horta grande, construção da casa. Disse que a primeira safra de arroz foi muito boa, depois a terra não deu mais arroz. Tinha um vizinho que era o atravessador da produção para fora. Ela começou a criar galinha e vendia para pessoas em Américo Brasiliense e levava para Sertãozinho, junto com o marido, para aqueles com os quais viviam anteriormente.

A produção de aves sempre foi atividade principal para a dona Regina. Primeiro ela disse que no início de sua vida no assentamento havia um grupo que queria trabalhar com galinha poedeira, que era conhecido com o grupo das pioneiras, composto por 7 mulheres do assentamento. O começo desse grupo contou com colaboração do Itesp, que forneceu as galinhas, bem como as telas e outros materiais para montar a granja. O grupo dividia o trabalho por dia, cada uma tomava conta um dia da produção de ovos, que ficava concentrada no lote da dona Cida, no núcleo II. Do núcleo VI eram duas assentadas, ela e a dona Vilma. Ela contou que ia a cavalo para o núcleo II para trabalhar. Cada uma das mulheres fazia uma parte do trabalho mais especializado. Ela, por exemplo, era a tesoureira do grupo. Ou seja, um tipo de associativismo informal, mas com um mínimo de estrutura de gestão, com cargos e responsabilidades para além da produção. No entanto, ela não tinha uma especialização e tinha que fazer esse tipo de trabalho do jeito que desse. O trabalho comum era basicamente colher e limpar os ovos.

Com relação à genética desses animais, diferentemente dos casos de parceria do frango industrial, eram adquiridos da granja caipira Label Rouge, localizada em Porto Feliz/SP. É uma das granjas que trabalham com melhoramento genético de linhagens caipiras, buscando compor animais rústicos, adaptados às condições tropicais, ao mesmo tempo em que possuem características para um melhor desempenho na produção de carne. Esta linhagem, conhecida também como “frango do pescoço pelado”, é recomendada pela ESALQ/USP, para produção no sistema “frango feliz”, embora não tenha sido o adotado no assentamento. As assentadas levavam mandioca, milho e verdura de seus lotes para dar de ração às galinhas e isso colaborava muito na produção. O filho da dona Cida era quem vendia os ovos: “vendia ovo que não sobrava para nós”, disse ela.

Depois o grupo desmontou, basicamente por duas razões que ela mencionou: se alguém quebrasse ovos ou fizesse retiradas para consumo ou proveito próprio, tinha que marcar quantos para poder descontar depois, mas começaram a ter umas que não marcavam direito, o que, aos poucos, pode ter contribuído para a quebra da confiança. Outro problema eram os maridos das outras mulheres, que entravam no meio das decisões, principalmente atrapalharam a gestão do negócio<sup>9</sup>. Então ela resolveu vir

---

9 Dona Regina comentou que nas reuniões do grupo, a participação dos maridos era intensa, onde deveria ser apenas uma reunião entre as mulheres, eles compareciam e falavam por suas esposas, começaram querer

trabalhar sozinha em seu lote e viu que dava mais certo.

Além destas questões, outro ponto fundamental que motivou a Dona Regina a produzir frango em seu próprio lote foi a doença de sua mãe, que sofreu um AVC e precisava de cuidados especiais no dia-a-dia, impossibilitando-a de trabalhar fora ou mesmo passar longos períodos longe de casa. Neste meio tempo, entre os anos 2007 e 2008 existiu um novo projeto do ITESP, para a produção de frangos, dessa vez de corte, utilizando-se da mesma genética, mas com aptidão para produção de carne. Foram selecionadas 12 famílias para participar do projeto, elas receberam um número de aves expressivo, em torno de 100 cabeças, a ração para iniciar o projeto e alguns materiais para construção do galinheiro. Neste projeto, cada um criava os frangos em seus próprios lotes – não era como na experiência anterior, na qual toda a produção era em apenas um lote. O grupo recebeu um curso sobre como administrar um sítio, como implementar a criação de frango caipira, dimensão das instalações, manejo com os animais, etc. curso dado próprio assentamento e também em São Pedro/SP e em Porto Feliz. No caso dela, já tinha experiência em criação de galinhas e queria trabalhar nisso. No entanto, a maioria parou pelas dificuldades de comercialização da produção animal. Mencionou apenas um assentado do núcleo VI que continua neste projeto, o “mineiro”.

Ela conseguia um bom preço na venda dos frangos: R\$13 a unidade viva e R\$17 a unidade limpa. Disse que hoje os valores são, respectivamente R\$ 22 e R\$ 25. Então, quando há bons canais de comercialização é um tipo de produção que o dinheiro entra rápido e ainda consegue trabalhar em casa. Muitas pessoas iam até sua casa comprar, de toda região, como citado por ela: Américo Brasiliense, Matão, Araraquara, mas após a morte de sua mãe, resolveu que ia trabalhar fora do lote. Vendeu a maior parte de suas galinhas e foi trabalhar na padaria do assentamento. Vários problemas foram mencionados para encerrar a criação de galinha: com a opção em trabalhar na padaria, começou a faltar tempo para cuidar das galinhas, não tinha mais finais de semana, estava demorando muito para receber pela produção, o cachorro da vizinha vivia atacando as galinhas dela, pois ela passava mais tempo fora de casa. Ela ouvia o barulho das galinhas e falava: “peraí, acho que tem cachorro correndo atrás delas”.

Ela disse que gostava muito de trabalhar na padaria, mas, por outro lado, faltava tempo para cuidar do lote, da família, de alguma produção.

---

ditar as regras e gerenciar o dinheiro, o que gerou certo desgaste entre as mulheres.

Na verdade, ficou pouco tempo trabalhando na padaria, embora durante esse tempo conseguiu mudar as formas de fazer compras de matéria-prima de fora. Disse que as meninas compravam tudo picado, de pouca quantidade e ela chegou sugerindo que as compras fossem feitas no atacado. Mencionou a importância do trabalho em grupo e dos cursos de capacitação que recebeu a partir de sua participação na padaria: teve um curso que ela participou que a tirou da depressão depois que sua mãe faleceu. Para ela, trabalhar no grupo é difícil, cada uma tem uma opinião: “além de se saber com quem está trabalhando, tem que respeitar a opinião das outras e ter diálogo”.

Após um pequeno período trabalhando na padaria, surgiu uma oportunidade de trabalho com contrato temporário com a Paraty. Mas ressaltou que seu contrato se renova a cada 6 meses, nos meses de julho e dezembro, ou seja, não prevê férias e 13º salário. Em uma ida a campo dia 04/12/2014, na padaria, encontramos ela dizendo que o contrato tinha acabado e estava esperando para renovar no começo do ano seguinte. O transporte escolar é terceirizado pela prefeitura, mas se fosse, de fato, um serviço público ela seria contratada da prefeitura e com todos os direitos. Entende que o contrato temporário a deixa com um tipo de vínculo mais precário. Mesmo assim, ela falou que é uma situação de trabalho melhor, pois pode trabalhar no assentamento sem ter que se ausentar por muito tempo do lote, pois ela trabalha mais nos horários de entrada e saída das aulas. Além disso, ela tem um salário e uma ocupação na escola do assentamento, o que lhe garante certo *status* na comunidade – a mulher, separada, mas que trabalha na escola e tem seu salário.

Como ela continua associada à AMA (grupo da padaria), pensa que a associação poderia ampliar sua área de atuação com um grupo de artesanato. Em sua casa pudemos notar vários enfeites e bordados feitos por ela. A casa é cheia de pequenos detalhes, na sala da frente, onde fomos recebidos, há quadros que ela pintou e vários bibelôs na cômoda. Depois vem uma sala maior de dois ambientes, um dos quais ocupado por uma mesa de jantar. Das três salas saem portas para dois quartos e um banheiro. Um dos quartos, dos meninos, tem pintura da parede diferente feita por eles, cheia de detalhes – ela disse que eles são bem criativos nesse sentido. Nas demais salas, vimos mais quadros nas paredes, borboletas feitas de arame e tecido enfeitando cada cantinho, toalhas e cortinas feitas pela dona Regina. Sua máquina de costura também estava lá, num local de destaque da sala, como se fosse objeto de decoração, mas o fato é que aquela máquina faz

parte do cotidiano dela.

Depois fomos conhecer o quintal e quando passamos pela cozinha encontramos uma vizinha com seu neto, um neném de colo. Até então não sabíamos que ela tinha deixado a vizinha sozinha na cozinha para nos atender, mas disseram que tudo bem, afinal, a amiga “não sai de lá”. Quando nós chegamos na casa, apesar de termos combinado com ela uma semana antes, a Regina estava passando vassoura e pano na casa e estava conversando com a vizinha, que a visitava e passava o tempo com seu neto. Ela se desculpou pela “bagunça” da casa, porque estava começando uma pequena reforma na sua sala da frente, tinha material de construção logo na entrada e um entulho, o reboco exposto nos fez perceber a recente reforma. No quintal, pudemos ver uma pequena horta de uso doméstico, muitas plantas ornamentais e flores que enfeitam o lugar, roupas no varal, o jaboti, o papagaio, um fogão à lenha, enfim, elementos que mostram a composição do lugar dela no assentamento.

Por fim, comparou a situação da merenda escolar, pois ela atualmente trabalha na escola do assentamento, mas também já trabalhou em creche quando morava em Sertãozinho, antes de vir para o assentamento. Ela disse que outro dia comeu uma comida na escola que a fez vomitar a tarde toda. Reclamou que hoje tudo é enlatado, até a carne moída. Comparativamente, disse que na creche em que trabalhou as merendeiras eram todas da comunidade, numa época que comiam um alimento saudável. Os donos de sítios do entorno doavam os alimentos. Outro dia ela olhou umas latas de comida no lixo da escola e se lembrou disso. “Aqui só vem banana e maçã de fruta, não tem uma goiaba e outras frutas daqui para as crianças comerem”.

#### **4.4 Dona Maria Aparecida, viúva: continuidades e conflitos familiares**

Esta assentada ficou viúva há pouco tempo, era esposa do Sr. João Lessa. Foi uma das visitas mais “fechadas”, pois a dona Maria não é de falar muito. Notamos que sempre ao falar dela mesma, se referia ao marido: “Eu e ele”. Na fala sobre produtividade da cana industrial em seu lote, recomendou que falássemos com seu filho, porque ela não sabia falar. Quem cuidava da parte financeira era o marido e ela disse que mal sai de casa e não fica sabendo de nada dessas coisas. O mesmo aconteceu quando perguntamos sobre o crédito Apoio Mulher: ela também disse que não sabia do que se tratava. Ao explicarmos, disse que poderíamos falar com a Aline, sua nora, sobre isso.

Há duas casas no lote, uma ao lado da outra. Ela mora sozinha em uma, foi a casa na qual fomos recebidos. Na outra, moram seu filho Zé, de 28 anos, sua nora Aline (que é filha de assentado), o neto Francisco e outra filha mais nova, a Júlia. A nora havia operado os olhos e estava em uma consulta na cidade, então dona Maria estava cuidando do neto.

Notamos que ela procurou falar baixinho sobre a filha, que estava na casa ao lado e nem apareceu enquanto estávamos lá. Disse que a filha ameaça bater nela e não consegue dar uma demonstração de carinho para a mãe. Quase chorando, lamentou que a filha anda com uma turma da pesada na cidade e tem um namorado estranho. Quando ela disse isso ficou um silêncio desconfortante. A filha chegou a roubar R\$ 4 mil da conta dela: “Catou o cartão na minha bolsa e não olha na minha cara. Disse que tem direito [ao dinheiro], que era do pai dela”.

Aline, que chegou durante a nossa visita, quer fazer artesanato no assentamento, mas trabalha como professora de dança do ventre, na mesma academia na qual o Zé é professor de Kung Fu, em Araraquara. Portanto, o casal possui trabalho e salário fora do assentamento, embora também realizem trabalhos no lote. A dona Maria falou que se a família recebesse o que a usina lhe deve e tivesse crédito, o filho voltaria a trabalhar só no lote. Ela, por sua vez, está tentando se aposentar e deu entrada com os papéis em 2009, mas como ela tem 58 anos atualmente, o Maruccio (técnico do Itesp) falou que só conseguirá se aposentar quando completar 60 anos. Ela passou a receber a pensão do marido falecido – talvez por isso sua filha tenha lhe dito que tem direito sobre o dinheiro que roubou da conta no banco.

Dona Maria nasceu em Campinas/SP e trabalha na roça desde os 7 anos de idade. Trabalhou por um período em uma chácara na cidade de São Paulo, onde conheceu o marido. Depois de Campinas, moraram em Promissão/SP e depois vieram para o assentamento Bela Vista do Chibarro. Disse que ficou 30 anos casada com ele. Quando se casaram, ela tinha 28 anos e ele tinha mais de 60 anos, então, a família dele a via com certa desconfiança por causa da diferença de idade. Já a mãe dela gostava do genro, ele sempre ia com ela visitar a família em Campinas.

Ela disse que nunca foi à escola. Tem que chamar outras pessoas para ler para ela quando precisa. Também afirmou que nunca pegou um financiamento em seu nome. Antes de seu marido falecer, ela procurava cumprir as ordens dele “para não dar confusão”. Disse até que o marido, em seu leito de morte, pediu perdão a ela. Ela nos contou, mais uma vez

emocionada, que ele era um bom homem: “nunca bateu ou judiou de mim”.

Dona Maria veio com o marido para o assentamento em 1990 e já no ano seguinte o casal optou por sair da agrovila e vir morar no lote. A localização desse lote é bem distante da agrovila, então ela disse que para eles foi muito melhor, porque o trabalho deles estava no lote. Sempre priorizaram a produção de milho, arroz, feijão, mandioca, bananeira. Mas como estratégia produtiva principal a família aderiu à cana em 2002, com a Usina Zanin. Afirmou que a maneira de plantar a cana é semelhante àquela que predomina no assentamento, com a usina vendendo os insumos e o sr. Domingão organizando os serviços de maquinário e colheita. A família cuida do canavial no período de crescimento. Não soube dizer nada da parte da produtividade, como afirmado antes, apenas que eles plantavam com a Zanin e, atualmente, com a Maringá, que não vem pagando os fornecedores de cana.

Depois que a nora chegou em casa, nos explicou que na época que o INCRA promoveu a “moralização do assentamento”, entre os anos de 2005 e 2008, a família foi considerada irregular porque plantava praticamente o lote inteiro com cana e isso fez travar todos os créditos deles, como os Fomentos Iniciais que o INCRA estava executando no assentamento. O Sr. João Lessa não fez o acordo para reduzir a área com cana naquela ocasião, a dona Maria recordou que ele dizia que não faria acordo com a FERAESP. Nos anos seguintes, ele continuou plantando comercialmente apenas cana, mas em 2013 o INCRA proibiu a colheita nos lotes que não assinassem o termo de compromisso de plantio de, no máximo, 40% do lote. Portanto, ela teve que assinar o termo e comercializar apenas 40% de toda a cana com a usina, ou seja, sofreu um prejuízo de 60% de uma cana que estava no segundo corte. Ela fez questão de frisar que seu marido viveu 94 anos e morreu perturbado, porque não recebeu todo o dinheiro dessa safra. O sr. João contava que sua colheita inteira valeria R\$ 60 mil. Mas morreu lutando e preocupado em receber esse dinheiro, impedido de colher e vender para a usina outros 60% da produção. E mesmo a parte comercializada com a usina ainda não havia sido paga no período da pesquisa, aproximadamente três meses depois da colheita. Dona Maria disse que toda essa confusão com a cana envolvendo o INCRA e a FERAESP fez a família entrar na onda daqueles que querem o título da terra, mas não soube dizer quais são as reais consequências disso.

No lote, além da cana há pequenos espaços com itens mais para o autoconsumo da família: uma boa horta, feijão, milho, mandioca, abóbora,

maxixe, pimentão, repolho, mamão, acerola, jaca, dentre outras – em outro momento da visita, durante uma conversa ao redor da casa, notamos várias outras árvores frutíferas, mas a dona Maria não contou. Nessa caminhada, pudemos observar que ela faz uso de esterco e matéria orgânica do lote nos canteiros e nos pequenos roçados. Dos legumes, apenas o tomate é comprado fora. Há também 15 galinhas e patos, fora os franguinhos. Ela disse que vendeu 60 frangos vivos no ano passado para o Baiano (assentado do Bela Vista). Inclusive, pudemos observar que havia uma galinha morta na panela, que ela ia preparar para comer no almoço. Um problema em seu lote em relação às criações são as raposas e os gatos do mato que comem os frangos. O lote é mais isolado e fica bem próximo a uma área de reserva. Vimos que o lote é abastecido com água de poço caipira.

Também pudemos observar que as ferramentas de trabalho na terra são extremamente bem cuidadas. São inúmeras enxadas, podões, rastelos, facões, tesouras de poda, dentre outras, que ficam guardadas em um lugar atrás da casa, muito limpas e organizadas. “Aprendi cuidar das ferramentas, olhava ele e via qual [ferramenta] para qual serviço”, em referência ao marido. Após nos mostrar a área em volta da casa, com a horta e as galinhas, ela disse que o trabalho da mulher é assim: “plantar e carpir”.

Ela gostaria de investir mais em criação de galinha. Já o seu filho gostaria de trabalhar com engorda de bezerros, aproveitando a cana do lote. Quando estávamos lá, apareceu sua vizinha, a dona Sirma. Elas disseram que as vizinhas se ajudam em várias coisas. Por exemplo, quando resolvem investir em uma pequena produção comercial, elas combinam e plantam cada uma em seu lote legumes como jiló, cebola e pimentão, dentre outros, como uma estratégia de comercialização conjunta. Disse que assim elas conseguem melhor preço e têm alguma regularidade na entrega para determinado comprador. É uma espécie de parceria de vizinhança. Enfim, mesmo em um lote onde a cana já predominava, ainda assim encontramos uma diversidade para a alimentação da família.

No caso dessa família, o primeiro ponto a destacar é a submissão da mulher ao homem, expresso no desconhecimento da dona Maria sobre as questões da produção e da renda no lote, bem como sobre as “grandes” questões do assentamento, como o plantio de cana industrial. Mesmo o conhecimento sobre as ferramentas e o ofício na agricultura foram atribuídos a ele. Após ficar viúva, esse controle que era feito pelo marido passou a ser responsabilidade do filho, pois como ela afirmou, atualmente, as decisões sobre o lote são “combinadas” com o filho, para quem ela transferiu, em

partes, tais decisões. Embora ela também tenha afirmado que outras “pequenas” estratégias, como aquelas de plantar legumes em parceria com a vizinha, são iniciativas próprias das mulheres, percebe-se uma tendência dela dar continuidade a uma gestão de lote como o marido fazia. Nesse sentido, o filho (homem, mais velho, casado e com filho) é o mais indicado para tomar as principais decisões. Talvez por isso existam tantos conflitos com a filha, que é mais jovem e vinha passando por uma fase mais conturbada após o falecimento de seu pai.

### **Considerações finais**

Evidentemente existem posições e representações construídas historicamente sobre o lugar das mulheres no campo. Por outro lado, vários estudos vêm comprovando que, na medida em que a sociedade passa por transformações pautadas no avanço da racionalidade capitalista, as ocupações e o trabalho das mulheres sofrem alterações que recriam as condições para sua reprodução social. A partir das etnografias apresentadas, podemos discutir a não-linearidade desse processo social. Por isso, as opções teórico-metodológicas adotadas nesta pesquisa não tiveram, por escolha analítica, a intenção de retirar as singularidades dos casos investigados. Nesse sentido, a contribuição pretendida é contrária à possível naturalização do papel das mulheres nos assentamentos rurais.

Sobretudo com a noção de estratégias familiares, de uma perspectiva das mulheres assentadas, pretendemos explicitar o campo social dos assentamentos, entendido como uma verdadeira trama de tensões que envolve uma infinidade de agentes sociais. As estratégias familiares se abrem, de fato, à possibilidades que escapam unicamente àquelas produtivas. Os casamentos entre filhos/as de assentados provocam um verdadeiro rearranjo na dinâmica familiar, não só em termos de produção agropecuária. A possibilidade ou a impossibilidade dos filhos ficarem nos lotes acabam sendo reveladoras do imenso leque que se abre no campo da reprodução social em diferentes momentos da trajetória das famílias nos assentamentos. Assim, foi muito comum acompanhar as mudanças na composição familiar do lote em função das idas e vindas dos filhos, seus casamentos e de suas novas perspectivas de futuro. O exemplo mais evidente nas etnografias apresentadas foi o caso da família da dona Neusa, pois em cada momento, havia uma filha diferente a ajudando na produção de açúcar mascavo e de rapadura.

Ainda no âmbito das estratégias matrimoniais, podemos apontar

alguns avanços nos direitos conquistados pelas mulheres rurais, como a obrigatoriedade da titulação conjunta do casal. Antes da portaria INCRA 981, de 02/10/2003, que introduziu a obrigatoriedade de titulação conjunta, apenas o homem era considerado titular do lote e, com isso, em casos de separação do casal, a mulher não tinha direito algum sobre a terra. Bem como, não era inserida no talão de notas dos produtores rurais. Com a referida portaria, passou a ser obrigatório a ambos possuírem documentos básicos como CPF e RG, além da certidão de casamento. Uma necessidade que implicou ampliar a efetivação do Programa Nacional de Documentação da Trabalhadora Rural (PNDTR).

Apesar dessas conquistas, além de outras, como créditos e assistência técnica específicos para mulheres, ainda persistem expressões de patriarcalismo tanto no interior das famílias assentadas como por parte do projeto estatal de assentamentos. Um exemplo disso é a pouca significativa participação das mulheres no acesso ao crédito, seu baixo valor e, mesmo quando disponível, a enorme demora para poder acessá-lo. Um caso acompanhado em nosso projeto, do crédito Apoio Mulher no assentamento Bela Vista do Chibarro, apontou para o predomínio masculino sobre o que fazer com o recurso. Então, questiona-se, por que esse nome para o financiamento para as mulheres? Seria uma alusão ao caráter de “ajuda” em relação ao seu trabalho? É um exemplo de que as desigualdades de gênero são abordadas como algo socializado no campo social, mas que, ao mesmo tempo, vem tendo enfrentamentos relevantes. Ou seja, as ações não eliminam, de uma hora para outra, a histórica relação de submissão da mulher ao homem. Conforme procuramos demonstrar em casos de lotes individuais, os novos lugares que as mulheres ocupam remodelam as relações sociais no interior dos assentamentos, mas não eliminam a dominação masculina e a violência material e simbólica sofrida por elas.

Outro ponto é o crescimento do número de editais para capacitação e extensão rural direcionado às mulheres rurais que, ao menos na região estudada, não teve qualquer efetividade. Os agentes técnicos da região, na verdade, carecem de uma formação que seja sensível à problemática da desigualdade de gênero, não há um trabalho efetivo de apoio à organização dos grupos de mulheres ou um olhar sobre o papel das mulheres nos lotes. Certamente, as práticas que realmente movem as mulheres – sua responsabilidade pela reprodução social, pelo autoconsumo e pela diversificação das atividades agrícolas – são desqualificadas pelo modelo de economia convencional. Entretanto, a relação entre cidadania, políticas públicas e

trabalhadoras rurais não pode ser discutida somente pela lógica do mercado. Estão sendo deixadas de lado questões essenciais à satisfação das necessidades humanas que exigem novos olhares nos estudos acadêmicos, mas também para gestores e movimentos sociais.

Apesar do Estado reconhecer novas frentes de intervenção para dar conta das desigualdades de gênero nos assentamentos e no meio rural como um todo, a política de Estado ainda não tem uma efetividade sobre as reais necessidades dessas mulheres. A própria relação de mediação entre assentadas e agentes sociais expressa tais desigualdades, como bem mostrou o fato da rapadura feita pela dona Neusa levar, em sua embalagem, apenas o nome de seu marido. No caso da dona Maria Aparecida, foi possível abordar a situação de uma viúva que transferiu a forma de gerir o lote, apreendido por meio de uma relação de submissão ao marido, para o filho homem, gerando conflitos com a filha. No entanto, em meio a essas relações de gênero verifica-se que as mulheres podem se valer de estratégias produtivas, políticas, matrimoniais e educativas para aumentar sua autonomia e, aos poucos, o papel delas no desenvolvimento dos assentamentos passa por transformações.

### **Referências**

BOURDIEU, P. A Ilusão Biográfica. In: FERREIRA, M. de M.; AMADO, J. **Usos e Abusos da História Oral**. São Paulo: FGV, 1996a. p.183-191.

BOURDIEU, P. **Razões Práticas**. Sobre a teoria da ação. Campinas/SP: Papyrus, 1996b. Capítulo 1 – Espaço social e espaço simbólico, p.13-33.

DUVAL, H.C. **Bens Materiais e Simbólicos**: condição camponesa e estratégias familiares em assentamentos rurais na região central do estado de São Paulo. Tese (Doutorado em Ciências Sociais). Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas/SP, 2015.

FERRANTE, V.L.S.B.; BARONE, L.A. Parcerias com a cana-de-açúcar: tensões e contradições no desenvolvimento das experiências de assentamentos rurais em São Paulo. **Sociologias** (Versão Impressa), Porto Alegre, UFRGS, v.13, p.262-305, 2011.

FERRANTE, V.L.S.B.; DUVAL, H.C.; BERGAMASCO, S.M.P.P.; BOL-

FE, A.P.F. Na trajetória dos assentamentos rurais: mulheres, organização e diversificação. In: NEVES, D.P.; MEDEIROS, L.S. de. (Orgs.). **Mulheres Camponesas: trabalho produtivo e engajamento políticos**. 1ªed. Niterói: Editora Alternativa, 2013, p.195-216.

FONSECA, C. **Família, Fofoca e Honra**. Etnografia de relações de gênero e violência em grupos populares. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 2000.

GARCIA JR., A.R. **Terra de Trabalho**. Trabalho familiar de pequenos produtores. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

WHITAKER, D.C.A. **Sociologia Rural**. Questões metodológicas emergentes. Presidente Venceslau: Letras à Margem, 2002.

